

## Exame Final Nacional de Português

**Prova 639 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2025**

**12.º Ano de Escolaridade**

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 62/2023, de 25 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

## VERSÃO 2

A prova inclui 10 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 5 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Indique de forma legível a versão da prova.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

## GRUPO I

---

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

---

### PARTE A

Leia o texto seguinte, constituído pelas estâncias 51 a 53 do Canto IV de *Os Lusíadas*, e as notas.

- Est. 51      «Não foi do Rei Duarte tão ditoso  
O tempo que ficou na suma alteza,  
Que assi vai alternando o tempo iroso  
O bem co mal, o gosto co a tristeza.
- 5    Quem viu sempre um estado deleitoso?  
Ou quem viu em Fortuna<sup>1</sup> haver firmeza<sup>2</sup>?  
Pois inda neste Reino e neste Rei  
Não usou ela tanto desta lei?
- Est. 52      «Viu ser cativo o santo irmão Fernando<sup>3</sup>  
10 (Que a tão altas empresas aspirava),  
Que, por salvar o povo miserando  
Cercado, ao Sarraceno<sup>4</sup> se entregava.  
Só por amor da pátria está passando  
A vida, de senhora feita escrava,  
15 Por não se dar por ele a forte Ceita<sup>5</sup>.  
Mais o público bem que o seu respeita.
- Est. 53      «Codro<sup>6</sup>, por que o inimigo não vencesse,  
Deixou antes vencer da morte a vida;  
Régulo<sup>7</sup>, por que a pátria não perdesse,  
20 Quis mais a liberdade ver perdida.  
Este, por que se Espanha não temesse,  
A cativeiro eterno se convida!  
Codro, nem Cúrcio<sup>8</sup>, ouvido por espanto,  
Nem os Décios<sup>9</sup> leais, fizeram tanto.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão,  
5.ª ed., Lisboa, MNE/IC, 2003, pp. 107-108.

#### NOTAS

<sup>1</sup> *Fortuna* – Destino; Sorte.

<sup>2</sup> *firmeza* – constância; estabilidade.

<sup>3</sup> *Fernando* – D. Fernando (1402-1443) foi capturado pelos mouros durante o cerco de Tânger, em 1437. Como o seu irmão, o rei D. Duarte, recusou a entrega de Ceuta em troca da sua libertação, o Infante acabou por falecer ao fim de anos de cativeiro.

<sup>4</sup> *Sarraceno* – Mouro.

<sup>5</sup> *Ceita* – Ceuta.

<sup>6</sup> *Codro* – último rei de Atenas, que evitou o triunfo dos dórios quando estes invadiram a Ática, entrando disfarçado no campo inimigo e deixando-se matar.

<sup>7</sup> *Régulo* – cônsul romano que, prisioneiro dos cartagineses, foi por estes enviado a Roma para propor a paz. Heroicamente, aconselhou os romanos a resistirem e voltou a Cartago, onde foi morto.

<sup>8</sup> *Cúrcio* – romano que se atirou a um abismo existente no Fórum, para, com o sacrifício da sua vida, salvar a pátria.

<sup>9</sup> *Décios* – ilustres romanos que se sacrificaram pela pátria.

\* 1. Refira a opinião do narrador sobre o reinado de D. Duarte, tendo em conta duas ideias expressas na estância 51.

\* 2. Releia as estâncias 52 e 53.

Explicita duas características de D. Fernando, fundamentando a sua resposta em informações presentes nas estâncias mencionadas.

3. Complete as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registe apenas as letras – a) e b) – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada.

No texto, estão presentes vários recursos expressivos, frequentemente utilizados em *Os Lusíadas*.

Por exemplo, na estância 53, o narrador utiliza como estratégia discursiva o recurso à a), a fim de b).

a)	b)
1. sinestesia	1. provar que as ações de D. Fernando e as de outros heróis enfatizam a efemeridade da vida humana
2. enumeração	2. sobrepor os feitos dos heróis da Antiguidade às ações de D. Fernando
3. apóstrofe	3. reforçar o carácter extraordinário das ações do Infante D. Fernando

## PARTE B

Leia o poema e as notas.

### D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL<sup>1</sup>

Deu-me Deus o seu gládio<sup>2</sup>, por que eu faça  
A sua santa guerra.  
Sagrou-me seu<sup>3</sup> em honra e em desgraça,  
Às horas em que um frio vento passa  
5 Por sobre a fria terra.

Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me  
A fronte<sup>4</sup> com o olhar;  
E esta febre de Além, que me consome,  
E este querer grandeza são seu nome  
10 Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gládio erguido dá  
Em minha face calma.  
Cheio de Deus, não temo o que virá,  
Pois, venha o que vier, nunca será  
15 Maior do que a minha alma.

Fernando Pessoa, *Mensagem e Outros Poemas Sobre Portugal*, edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2014, p. 30.

#### NOTAS

<sup>1</sup> D. Fernando, *Infante de Portugal* – D. Fernando (1402-1443), irmão do rei D. Duarte.

<sup>2</sup> gládio – espada curta, de dois gumes.

<sup>3</sup> Sagrou-me seu – Escolheu-me.

<sup>4</sup> fronte – testa.

\* 4. Explique em que medida as ações de Deus transformam o sujeito poético num instrumento da vontade divina.

Na sua resposta, comece por indicar as ações de Deus.

\* 5. Releia os versos de 8 a 15.

Descreva, com base em dois aspectos pertinentes, o estado de espírito do sujeito poético face à vontade divina.

6. As afirmações seguintes referem-se à obra *Mensagem*.

- A. A mitificação de personagens da História de Portugal assume grande relevo na obra, em particular, na primeira parte.
- B. O Sebastianismo constitui um eixo temático fundamental de *Mensagem*.
- C. De um modo geral, os poemas de *Mensagem* são curtos e valorizam aspectos como o ritmo e a rima.
- D. A força anímica dos heróis leva-os a agir, independentemente do esforço exigido.
- E. Constatase a presença de um apelo aos outros portugueses para que prossigam e concretizem a ambição do sujeito poético.

Identifique as **três** afirmações que podem ser comprovadas através da leitura do poema «D. Fernando, Infante de Portugal».

Escreva, na folha de respostas, o número do item e as três letras que correspondem às afirmações selecionadas.

## PARTE C

\* 7. Embora os textos da Parte A e da Parte B incidam sobre o mesmo herói, existem diferenças significativas no modo como a figura de D. Fernando é apresentada.

Escreva uma breve exposição na qual distinga esses textos, no que diz respeito à predominância de características líricas ou épicas.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema na qual identifique a obra em que predominam características líricas e a obra em que predominam características épicas;
- um desenvolvimento no qual explice um traço distintivo do discurso lírico e um traço distintivo do discurso épico, fundamentando cada um deles com transcrições pertinentes;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

## GRUPO II

Leia o texto e as notas.

---

O texto constitui um excerto do discurso «O que é amar um País», proferido por D. José Tolentino Mendonça no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, em 10 de junho de 2020.

---

É uma bela tradição da nossa República, esta de convidar um cidadão a tomar a palavra neste contexto solene para assim representar a comunidade de concidadãos que somos. É nessa condição, como mais um entre os dez milhões de portugueses, que hoje me dirijo às mulheres e aos homens do meu país, àquelas e àqueles que dia a dia o constroem, suscitam, 5 amam e sonham, que dia a dia encarnam Portugal onde quer que Portugal seja: no território continental ou nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira, no espaço físico nacional ou nas extensas redes da nossa diáspora<sup>1</sup>. Se interrogássemos cada um, provavelmente responderia que está apenas a cuidar da sua parte – a tratar do seu trabalho, da sua família; a cultivar as suas relações ou o seu território de vizinhança –, mas é importante que se recorde 10 de que, cuidando das múltiplas partes, estamos juntos a edificar o todo. Cada português é uma expressão de Portugal e é chamado a sentir-se responsável por ele. Pois quando arquitetamos uma casa não podemos esquecer que, nesse momento, estamos também a construir a cidade. E quando pombos no mar a nossa embarcação não somos apenas responsáveis por ela, mas 15 pelo inteiro oceano. Ou quando queremos interpretar a árvore não podemos esquecer que ela não viveria sem as raízes.

Pensemos no contributo de Camões. Camões não nos deu só o poema. Se quisermos ser precisos, Camões deixou-nos em herança a poesia. Se, à distância destes quase quinhentos anos, continuamos a evocar coletivamente o seu nome, não é apenas porque nos ofereceu, em concreto, o mais extraordinário mapa mental do Portugal do seu tempo, mas também porque 20 iniciou um inteiro povo nessa inultrapassável ciência de navegação interior que é a poesia. A poesia é um guia náutico perpétuo; é um tratado de marinhagem para a experiência oceânica que fazemos da vida; é uma cosmografia da alma. Isso explica, por exemplo, que *Os Lusíadas* sejam, ao mesmo tempo, um livro que nos leva por mar até à Índia, mas nos conduz por terra ainda mais longe: conduz-nos a nós próprios; conduz-nos, com uma lucidez veemente, a 25 representações que nos definem como indivíduos e como nação; faz-nos aportar – e esse é o prodígio da grande literatura – àquela consciência última de nós mesmos, ao quinhão daquelas perguntas fundamentais de cujo confronto um ser humano sobre a terra não se pode isentar.

Se é verdade, como escreveu Wittgenstein, que «os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo», Camões desconfinou Portugal. A quem tivesse dúvidas sobre o papel 30 central da cultura, das artes ou do pensamento na construção de um país, bastaria recordar isso. Camões desconfinou Portugal no século XVI e continua a ser para a nossa época um preclaro<sup>2</sup> mestre da arte do desconfinamento. Porque desconfinar não é simplesmente ocupar de novo o espaço comunitário, mas é poder, sim, habitá-lo plenamente; poder modelá-lo de forma criativa, com forças e intensidades novas, como um exercício deliberado e comprometido 35 de cidadania. Desconfinar é sentir-se protagonista e participante de um projeto mais amplo e em construção, que a todos diz respeito. É não se conformar com os limites da linguagem, das ideias, dos modelos e do próprio tempo. Numa estação de tetos baixos, Camões é uma inspiração para ousar sonhos grandes.

José Tolentino Mendonça, *O Que É Amar Um País*, Lisboa, Quetzal, pp. 10-13.

### NOTAS

<sup>1</sup> diáspora – dispersão de um povo ou de uma comunidade no mundo.

<sup>2</sup> preclaro – ilustre.

- \* 1. Na primeira parte do discurso, José Tolentino Mendonça dirige-se «às mulheres e aos homens do meu país» (linhas 3 e 4), na medida em que são estes que
- (A) constroem a sociedade como um todo, ao desenvolver a sua ação individual.  
(B) constituem as «raízes» de Portugal, preservando as tradições da República.  
(C) constroem relações com o território vizinho, alargando os limites da nação.  
(D) constituem a pátria, ao ocupar na sua totalidade o território nacional.
2. Na opinião do autor, expressa no segundo parágrafo, a poesia
- (A) é uma herança prodigiosa de Camões, porque nos continua a guiar nas viagens por mar e por terra.  
(B) tem a capacidade extraordinária de despertar a veia de marinheiro que há dentro de cada português.  
(C) é uma herança prodigiosa de Camões, porque nos liberta do conhecimento do Portugal quinhentista.  
(D) tem a capacidade extraordinária de estimular o questionamento e a descoberta de si e do mundo.
- \* 3. Ao afirmar que «Camões desconfinou Portugal no século XVI e continua a ser para a nossa época um preclaro mestre da arte do desconfinamento» (linhas 31 e 32), o autor associa ao sentido de «desconfinamento» ideias como
- (A) bem-estar e satisfação pessoal. (B) ousadia e responsabilidade social.  
(C) conformismo e poder individual. (D) independência e protagonismo político.
- \* 4. A única frase em que estão presentes deílicos pessoais e temporais é
- (A) «Cada português é uma expressão de Portugal e é chamado a sentir-se responsável por ele.» (linhas 10 e 11).  
(B) «Desconfinar é sentir-se protagonista e participante de um projeto mais amplo e em construção» (linhas 35 e 36).  
(C) «A quem tivesse dúvidas sobre o papel central da cultura, das artes ou do pensamento na construção de um país, bastaria recordar isso.» (linhas 29 a 31).  
(D) «É nessa condição, como mais um entre os dez milhões de portugueses, que hoje me dirijo às mulheres e aos homens do meu país» (linhas 2 a 4).
5. A única oração subordinada substantiva completiva é
- (A) «que nos definem como indivíduos e como nação» (linha 25).  
(B) «que fazemos da vida» (linha 22).  
(C) «que ela não viveria sem as raízes» (linhas 14 e 15).  
(D) «que dia a dia o constroem» (linha 4).
6. Todas as expressões desempenham a função sintática de complemento do nome, **exceto**
- (A) «de nós mesmos» (linha 26). (B) «de forma criativa» (linhas 33 e 34).  
(C) «de Portugal» (linha 11). (D) «de Camões» (linha 16).

\* 7. A frase «A poesia é um guia náutico perpétuo» (linhas 20 e 21) apresenta

- (A) uma situação habitual.
- (B) um valor imperfeito.
- (C) uma situação genérica.
- (D) um valor perfeito.

### \* GRUPO III

Para uns, é o indivíduo que faz a sociedade; para outros, é a sociedade que faz o indivíduo.

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defende uma perspetiva pessoal sobre o conteúdo da afirmação.

No seu texto:

- explique, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito);
- formule uma conclusão adequada à argumentação desenvolvida.

#### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2025/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
  - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
  - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

### COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 10 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo										Subtotal
	1.	2.	4.	5.	7.	1.	3.	4.	7.		
Cotação (em pontos)	13	13	13	13	13	13	13	13	13	44	161
Destes 5 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	I		II								Subtotal
	3.	6.	2.	5.	6.						
Cotação (em pontos)	3 × 13 pontos										39
<b>TOTAL</b>											200